

Senado

RUY FABIANO

PONTO DE VISTA

CORREIO BRAZILIENSE

160123001

Duelo em voz baixa

Sob intenso bombardeio crítico, o Senado evita discutir em voz alta a plataforma dos que disputam sua presidência. Há, pela ordem, dois candidatos com efetivas chances: José Sarney e Pedro Simon, ambos do PMDB. Íris Rezende, também do PMDB, recém-eleito em primeiro mandato, não tem chances. É tradição da Casa negar voto aos novatos.

O que reduz o volume das discussões é o constrangimento da instituição em ter seu atual presidente, Humberto Lucena, sob fogo cerrado da mídia, que não aprova a idéia em curso de anistiá-lo. O centro do debate, como é óbvio, é o fisiologismo: mantê-lo ou reduzi-lo, eis a incômoda mas inevitável questão.

No Congresso, ao contrário do ponto de vista dominante na imprensa, predomina a idéia de que Humberto Lucena foi injustiçado pelo STF, que cassou sua candidatura, por entender ilegal a impressão de calendários via Gráfica do Senado.

Acontece que Lucena não está solitário quanto a isto. O que fez é o que todos fazem — aí incluído o presidente eleito, Fernando Henrique Cardoso, ainda no exercício do mandato de senador. Até o PT, que votou contra a anistia de Lucena no Senado, é usuário dos serviços da Gráfica, colocados legalmente a serviço dos parlamentares.

A jurisprudência que a punição de Lucena inaugura, levada à prática, deixaria o Senado (e a Câmara) às moscas, nas mãos de seus funcionários.

Por isso, o projeto de anistia foi aprovado com tamanha rapidez no Senado, apenas com o já citado voto contrário, do PT. Na Câmara, há chances concretas de aprovação, embora por placar menos expressivo. Lá, a pressão popular é mais intensa.

O *affair* Lucena influi e interfere na presente campanha para a presidência da Casa. O Senado está empenhado em melhorar sua imagem, arranhada com o episódio. O senador Pedro Simon identifica-se melhor com a idéia de um Senado mais austero, na linha dos novos tempos de transparência. O senador Sarney, menos — e não apenas em função de seu estilo pessoal de fazer política, como pela circunstância de estar de alguma forma no mesmo barco de Lucena: sua filha Roseana, governadora eleita do Maranhão, serviu-se também da Gráfica para imprimir material de campanha. Em tese, está sujeita à mesma sentença.

O senador Pedro Simon, em sua plataforma de recomposição da imagem pública do Senado, propõe simplesmente a extinção das cotas pessoais de serviços gráficos destinadas aos senadores, fonte dos problemas atuais.

A Gráfica continuará existindo e produzindo todo o material de interesse institucional. É para isso que foi criada e cumpre bem sua função. Quanto a serviços pessoais — cartões, calendários e coisas do gênero — terão que ser pagos pelos interessados, senadores ou não. É o chamado óbvio, ululante..